

HOMEM E SOCIEDADE - DO PÓS-CRÍTICA À CULTURA: ENTENDENDO A VIOLÊNCIA IMPRESSA CONTRA OS LGBTQI+

Renato Silveira¹

Resumo: O presente artigo propõe-se o estudo sob o viés do método crítico cultural, o homem e sua relação com a comunidade LGBTQI+ associados à violência nos periódicos impressos (Zero Hora - RS, A Tarde e Correio da Bahia – BA) focando o comportamento social para entender e até mesmo quebrar os paradigmas culturais. Como fundamento de uma teoria discursiva de leitura sobre a violência no mundo dos periódicos, nos pautamos nas investigações do campo das ciências sociais e como estratégica se utilizou autores que respaldam a crítica cultural: Deleuze & Guatarri (1995), Eagleton (2005), Agamben (2005), Derrida (2001), Foucault (1988), Felix (2005), Preciado (2014), Butler (2003), indicando a praxiologia do referido tema. As leituras em conjunto com as produções bibliográficas positivaram a cultura das margens viabilizando a difusão da linguagem escrita facilitando a compreensão das identidades de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: LGBTQI+. Periódicos. Rede cultural.

MEN AND SOCIETY - FROM POST-CRITICAL TO CULTURE: UNDERSTANDING VIOLENCE IM- PRESSED AGAINST LGBTQI +

Abstract: The present article proposes the study under the bias of the critical cultural method, the man and his relation with the community LGBTQI + asso-

1 Renato Silveira - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Endereço eletrônico: rsg Higgi@gmail.com

ciated to violence in the printed periodicals (Zero Hora - RS, A Tarde e Correio da Bahia - BA) focusing on social behavior to understand and even break cultural paradigms. As a basis for a discursive theory of reading on violence in the world of periodicals, we have been guided by investigations in the field of social sciences, and as strategic authors have been used to support cultural criticism: Deleuze & Guatarri (1995), Eagleton (2005), Agamben (2005), Derrida (2001), Foucault (1988), Felix (2005), Preciado (2014), Butler (2003), indicating the praxiology of this theme. The readings together with the bibliographical productions positivated the culture of the margins allowing the diffusion of the written language facilitating the understanding of the identities of gender and sexuality.

Key words: LGBTQI+. Periodicals Cultural Network.

Situando a discussão

Para entender o paradigma das comunicações, foi sugerido como proposta de investigação laboratorial acadêmica uma espécie de limpeza mental, por isso, precisei “esvaziar a casa” (LISPECTOR, 1977) e recomeçar como uma página em branco refletindo os novos caminhos que a epistemologia indicaria. Diante de tais desafios, surgiu uma realidade com propostas inovadoras para mim e, através dos estudos em sala de aula e das pesquisas até o momento, apresento este trabalho como ferramenta afim de reforçar meus estudos associados aos elementos linguísticos culturais dentro do campo da crítica cultural como uma nova realidade.

O sujeito dentro das teorias culturais é ditado por elementos como os signos e os sentidos, não há como desassociá-lo disso, por isso no meu objeto de estudo estruturalista e pós-estruturalista analisarei a configuração do homem como um paradigma contemporâneo e a relação como os LGBT-

QI+. Neste universo de conhecimentos, dois autores se destacaram em meus estudos, Butler e Agamben. Butler (2005) diz que o desempenho é visto como aquele que traz a significância do discurso com a questão da diferença; a herança cultural dos LGBTQI+ e as formas como a representatividade de seus corpos se fazem presentes, fortalecem sua presença ao tempo que lutam como forma de resistência para se defender e pleitear mais direitos sociais, justificando assim, a performance de seus corpos.

Segundo Agamben (2005, p. 26): “a experiência é incompatível com a certeza, e se se tornar calculável certamente perderá sua autoridade”, assim o desejo funciona como um desmonte das ideias transcendentais que passam a ser condição de linguagem, neste caso ao questionar a língua, ele abre possibilidades de comunicabilidade, essa mesma forma de comunicar é investigada nesse trabalho pela maneira como os jornais se utilizam dessa linguagem ao noticiar as violências contra os LGBTQI+ de forma ofensiva.

Drummond (2013) por sua vez afirma que há várias maneiras de ver esse cenário, de um lado há os LGBTQI+ que numa perspectiva maior olham de cima para todos, almejando a coletividade, e na ótica dos periódicos impressos esse olhar se volta para dentro, revestindo e viabilizando a disparidade. As diferenças dos corpos construídas de uma forma ordinária, dão uma expressão onde o sujeito sem o objeto proporciona a interpretação de um corpo que não deseja ser cópia, imagem ou similaridade determinado pelo sistema, mas ser o que é e não imposições da sociedade. A cultura servirá como experiência para que os LGBTQI+ sejam ouvidos. Benjamim (2000) na sua *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* (e) trazendo para o tema presente, diz que, nesse sentido a arte dos movimentos LGBTQI+ agora, abrange as outras classes sociais fazendo desaparecer a forma como acontecia do ritual, essa nova forma de arte através da manifestação. Ainda sobre o tema, o processo

contemporâneo de adaptação, há uma noção errônea da cultura, ela atua desestabilizando, mas o faz como elemento essencial sem desconsiderá-la. A cultura é um poderoso elemento para a experiência do homem, ela se manifesta pela linguagem e, ao pensar, o homem se constitui enquanto sujeito. Eagleton (2000) diz que a cultura deriva dos conceitos relativos a natureza e suas formas de “cultivar” referindo-se a maneira de progredir do conhecimento, para isso, sugere a desconstrução do sujeito e da natureza, despindo-nos do conhecimento ocidental, articulando o conflito entre produzir e o que deve ser feito como um trunfo de conhecimento, de um novo modo de viver. O homem moderno teria perdido essa experiência, para isso voltaria à infância, nessa fase, todo aprendizado, conhecimento e experiência começariam a preencher esse “eu oco”.

Compreender o sujeito sob o aspecto cultural não foi uma tarefa fácil, falar de seu meio associado a seu modo de vida é mais difícil ainda e ao fazê-lo na produção do discurso e práticas, percebi um desarticulamento e quebra das ideias, para isso tive que reorganizá-las, foi uma tarefa incomum, afinal, desarticulando é que as ideias começaram a fazer sentido; o tempo despendido na confecção deste trabalho foi gratificante e elucidativo, pois, para entender como funciona o pensamento do Pós-Crítica² e principalmente no que diz respeito à crítica cultural, tive que redescobrir a forma de pensar, para tal, desprender o sujeito de padrões e convenções, ele passa a ser visto como ele é e através dele mesmo, na sua busca, contínua como objeto de desejo, de estudo e

2 O Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, localizado no Campus II da UNEB - Alagoinhas, pertence à e área de Linguística, Letras e Artes e em nível de mestrado, busca formar pessoal qualificado para as atividades de ensino e pesquisa no campo da cultura, atentando para as contribuições linguístico-literárias, para as ciências humanas, nos últimos cem anos, e ao mesmo tempo para as novas exigências do campo cultural para os estudos de crítica, teoria e historiografia literárias.

de se fazer presente. Tal entendimento só foi possível quando da reinterpretção desses estudos.

Todo novo causa aflição e por mais conflituosos ideologicamente e didaticamente, tais entraves serviram para encorajar e fortalecer os desígnios de fazer a diferença não só em sala de aula, mas ao dar visibilidade às vítimas da violência pelos periódicos, entender esse indivíduo na coletividade política deixando de ser abjeto para ser sujeito, mudando a ideia de objeto para alguém.

O objeto de estudo e o contexto social

Tomando como base Butler (2003) e respaldado pelo discurso de Agamben (2005), procurei entender as relações entre os LGBTQI+, os periódicos e a violência publicado de maneira irresponsável e os efeitos do binarismo no gênero. Desde o início desta jornada acadêmica, sempre vislumbrei a maneira como ocorre à violência contra os “abjetos” e nas pesquisas, entender o porquê de tanta cólera, por isso investi na teoria queer, entendendo a forma como as vítimas resistem, fui além da zona de conforto, utilizei autores pós-estruturalistas, não deixando que a denominação homem/mulher (cis) interferissem nesse estudo.

O binarismo nas últimas décadas começou a sofrer ataques por causa de seus conceitos nos quais dita quem é homem e quem é mulher. De modo que somente aos que não se enquadram nessa “forma” atuavam de maneira performativa, ou seja, um produto da sociedade dita o comportamento através de convenções e conceitos, criando um novo modo cultural de agir. Para quebrar esse paradigma, o homem/mulher cis deve pensar além de categorias onde o revolucionário se firme como apreciação. Quando Butler (2003) fala da questão performativa, ela acena o processo de construção linguístico abordando o sistema como uma declaração do discurso limitado por essa forma. Ao proble-

matizar o gênero como construção social em relação à masculinidade ou feminilidade da cultura social, não se pode negar o domínio da heterossexualidade compulsória e como tal normatizar as relações sociais e individuais entre as pessoas. Comparando o vínculo da pessoa com o que gostaria de ser, o macho seria uma cópia, isso é ser performático. A teoria queer rompe com esse binarismo, na forma de metáfora “curir” do sistema normatizador que se diz “dar” sentido das coisas, o fato de não parecer gay, implica no universo binarista. Tornar-se um sujeito no campo da performatividade é construir o gênero no mundo cultural homossexual, no estado devir deste sujeito, ele flui, não precisa estar estático.

A estrutura de linguagem não se altera, o fato de assumir-se gay é uma performance, nesse sentido a linguagem que normatiza diz o que deve ou não ser; a violência de gênero mostra a discriminação, e pessoas morrem por que outras pessoas têm ira dos “diferentes”, ao matar física e simbolicamente essas pessoas, intentam para o desaparecimento delas sociedade. Nesse embate, os LGBTQI+ se utilizam dessas mesmas armas utilizadas contra eles e ressignificam seu signo agora a favor deles. Nesta direção a arte se coloca como arma política que viraliza o contexto social, sob formas de acontecimentos que ocorrem quando os LGBTQI+ tem sua imagem distorcida pelos jornais sensacionalistas bancados pelo capitalismo com uma “imparcialidade velada”, assim os movimentos sociais atuam como resistência desfazendo esse sujeito denegrado, colocando-o como um ser ordinário, confirmando o discurso de que ele/ela devem ser de acordo com suas orientações, preferencias, por exemplo, é inadmissível não dar trabalho a uma “trans” pelo fato de nunca ter conhecido uma. A nossa vida é de fluências, nesse sentido o devir das pessoas reivindica seu lugar, os que permanecem sob a penumbra social não aceitam mais ficar em guetos ou em subterfúgios.

As pessoas que transgridem seus limites público/privado fazem parte dessa cena, por isso o incômodo da figura do agressor não enxergar a congregação das pessoas num espaço tido como “normais” em relação aos “diferentes”, para tal, desconstrói-se o sujeito em relação ao seu corpo; o queer no Brasil problematiza esses discursos com cópias de um sujeito. Quando Butler (2003) e Preciado (2014) discutem a performatividade, eles entram nesse campo, o sentido não é mais como ele se apresentava.

A subjetividade agora não ocorre mais em torno de si, assim, o sujeito dentro da experiência estética é ressignificado. A língua é o que caracteriza o homem na sociedade e culturalmente como ele se comunica, se por ventura ele se perder com o excesso de simulacro, ele se firmará como sujeito impossibilitando-o de fazer a história e, neste caso, o simulacro se realizará acima das grandes narrativas que levam apenas a reprodução.

De acordo com Felix e Salvadori no artigo intitulado *A mortificação do corpo em é isto um homem? De Primo Levi*, indica-se que o corpo ao se converter em algo parecido com os outros corpos narrados, as vozes desses corpos falam como se fossem uma escrita onde o pecado, a reflexão, as transformações fortalecem as experiências de vida dessas pessoas, tal como o nazismo, o fascismo atual da mídia controladora:

não se recusa a pensar o processo de degradação humana erigido pelo projeto nazista de extermínio de seres entendidos como inu- ou sub-humanos, em suas Ilha do Desterro” [...] isto é, pensar as demais e nem sempre explicitadas razões de como essa degradação consubstanciou-se, sobretudo, na instância corpórea. [...]. (FELIX; SALVADORI, 2015, p. 45)

Dialogando com as pesquisas sobre violência nos jornais referente ao publicado sobre os LGBTQI+, percebi que não era mais uma reprodução e sim uma terrível inovação na propaganda comunicativa, o contrário do que as novidades da linguagem e a forma como essa comunicação oferecem, neste caso, infelizmente as publicações são doentias, pois, aludem a violência e a forma como ocorre vai de encontro a dignidade dessas pessoas. São assertivas que poderiam ser usados quando nos referirmos ao entendimento do porque noticiar os fatos não respeitando essas pessoas. O discurso funde-se com a subjetividade ao estado-devir no processo de enunciação pelo canal de comunicação contemporâneo; por essa subjetividade há possibilidade de se trabalhar a literatura com os periódicos ensejando resultados. Para Eagleton (2005, p. 33): “a literatura, no sentido que herdamos a palavra, é uma ideologia. Ela guarda as relações mais estreitas com questões mais estreitas de poder social.”, assim, de acordo com o autor, a ideologia associada a ideologia marxista determinará o pensamento exigindo da palavra à coletividade perpetuada nos movimentos das ruas, nas redes sociais, na web como formas de combater e romper os fascistas das grandes mídias, através da força não só dos LGBTQI+, mas também dos índios, os negros, as mulheres que se identificam com o verdadeiro e articulado pensamento revolucionário, indo de encontro com os moldes sociais impostos e pelo esclarecimento justamente desses debates e embates teóricos, as pessoas reafirmem com dignidade o ser e não o estar.

A discussão em torno do objeto, jornais impressos.

Neste estudo, primei pela relação sujeito e cultura, por isso esta jornada literária baseia-se nas ideias rizomáticas³ como arborescência dos apontamentos de diferentes campos do discurso, para tal, utilizei o método avaliativo, partindo do princípio de que é preciso dar um passo a frente e entender o real significado de gênero no sentido significado e significante, permitindo ao significante produzir outros sentidos. A maneira como a crítica acontece não fica somente no plano das ideias, do pensamento, procura resistir, exaurir e, impor ideologicamente a sociedade esses conjuntos transformadores do pensamento.

Deleuze (1995)⁴ assinala que a forma como a comunicação acontece anuncia o diferencial, isto pode ser observado na proposta dos periódicos e seu conteúdo, ou seja, há uma reconfiguração a ser contextualizada pela plataforma rompendo com os paradigmas comunicacionais, agregando outras formas de pensar a cultura e, como um rizoma, explora e amplia o mapa a nova investida da crítica cultural associada a crítica literária, amplia os ângulos que se voltam para esta parte da pesquisa. Assim afirmo que o significado do gênero está associado a condição do texto e suas definições.

Derrida (2001) postula acerca da possibilidade desse discurso referente ao pensamento estrutural no sentido do significado/significante e quando ocorre a separação entre esses lugares, o sujeito (significante) se encontra na possibilidade da fala, ela não é de um *locus*, não é uma essência única do pensamento e sim uma possibilidade de desconstrução. São processos desconstrutivos imprescindíveis para a elabo-

3 Deleuze: Gilles Deleuze (1925 – 1995), é considerado um dos maiores filósofos do século passado. Vindo de uma família de classe média, passou a maior parte de sua vida em Paris; estudo filosofia na Universidade de Sorbonne, foi professor em liceus, Lyon, Paris VIII e Vincennes.

ração do método e para a feitura deste estudo. Quando o autor diz que o texto deve ser visto em outra dimensão (ele é pragmático) cultural, cognoscitiva e discursiva, ele capta enunciações e modos de vida que podem revelar processos analíticos em torno das subjetividades.

Quando a dialética é questionada por ele, sob o viés da subjetividade dos pesquisadores, ele desconstrói o discurso, muda as oposições ao descrever os fundamentos de modo linear que transcendam a hierarquia do saber. Segundo Derida (2001, p. 72),

o significado transcendental não é tão somente o recurso do idealismo no sentido estrito. Ele pode sempre acabar por reafirmar um materialismo metafísico. Ele se torna, pois, um referente último, de acordo com a lógica clássica implicada por esse valor referente, ou uma "realidade objetiva", absolutamente "anterior" a todo trabalho da marca, um conteúdo semântico ou uma forma de presença que garanta, a partir do exterior, o movimento do texto geral.

Para o autor, a transcendentalidade é um conceito metafísico que depende do trabalho e é vista como possível resposta na forma de entender como a linguagem simples e compreensível a todos normatiza o diálogo e aproxima a realidade vivida pelo público alvo, ou seja, uma vez que nos permite estabelecer a relação entre o sujeito e a sociedade, cogitando os efeitos das afinidades estabelecidas na construção dessas identidades. Para isso o foco principal do problema em questão que neste caso é a violência dos jornais e como combatê-los, integra e resiste como possível resposta às demandas do público LGBTQI+.

Ainda de acordo com Derrida (2001), quando se fundamenta a compreensão das materialidades, processa-se a língua falada ou escrita, compreendemos outros elementos como a forma de pensar e sua gestualidade, ou seja, constituem os sentidos e influenciam o meio social. Neste caso, quando se desconstrói essa linguagem, a vítima passa a ter controle da situação passando de passivo para ativo no sentido de combater uma física dualista, desconstruindo o objeto, deixando registros que norteará novos significados. O método de observação vai além da imposição social que sufoca os costumes e tradições, ela destrói polos opostos, recriando, para isso é preciso desfazer o que está feito.

As dissidências publicadas pelos periódicos produzirão formas de resistências culturais, os resultados desses embates serão salutares para a sociedade, por isso evoca-se estudos linguísticos da semiologia e ciência para qualquer espécie de signos, caso não sejam suficientes para entender os aspectos discursivos que se apresentam na comunicação. Os jornais deveriam trabalhar em sintonia com os signos linguísticos e não linguísticos com dinâmica própria, interagindo as exigências com conceitos mais abertos para entender um corpo artístico que fala de uma performance cultural.

Na jornada do pensamento crítico, a arborescência de Deleuze e Guattari (1995) ressignificam o sentido proporcionando alternativas do pensamento não mais como uma via única, mas sim com várias possibilidades de fuga ao pensamento tradicional e unidimensional, enriquecendo o conhecimento sem desfazer-se dessas vias, nem as ignorando. A concepção deste elemento pensado pelos autores é a representatividade de algo que pode haver, mas de todo modo, ao fazer, não há como confeccionar sem desejar, é algo que existe sem ter começado, é a multiplicidade de sentidos. O rizoma permite a clareza do pensamento de forma simples, ele coloca através da diversidade a definição de clareza, desmistificando o não entendimento.

Visto dessa forma, os objetos não têm início nem fim, por isso o método em Crítica cultural permite vislumbrar possibilidades através de suas conexões, significações, representações, afinal tudo esta inacabado e com o tempo se finaliza, a relevância da variedade, pluralidade e multiplicidade de sentidos se fazem presentes com novas formas de reinvenção que funcionam como respostas e servem para proteção, são formas de resistências através da cena investigativa e serial de práticas.

Segundo Ginzburg (1989, p. 151), “o homem durante milênios foi um caçador, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis”, ele refere-se a experiência adquirida, evidenciando a cena do crime, isso só é possível graças as análises e as marcas metodológicas utilizados caracterizado por traços, signos que identificam, transformando a interpretação da realidade numa cena investigativa, trabalha-se as lacunas. Existe a possibilidade e probabilidade de complementar ou preencher o vazio com o conhecimento, mesmo limitado graças a herança cultural.

Em *Sinais de um paradigma indiciário*, o autor trabalha a semiótica frente às investigações que remontam ao homem primata, tais conhecimentos só enriqueceram a forma dele atuar diante dos problemas, e tais técnicas embora arcaicas, serviram para que ele se resguardasse e ao fazer isso, evoluiu o processo indiciário através de registros; séculos depois serviriam como método disciplinar auxiliar na evolução da medicina. Foram métodos criados a partir da periferia, dos marginalizados, dos esquecidos baseados nos indícios da linguagem de vivências, de fato investiga-se a singularidade desses objetos, mas agora tudo poderia ser medido e determinado. Quando Ginzburg (1990) compara o pesquisador ao detetive que investiga o responsável pelo ato ilícito, ou seja, a cena do crime, ele o faz baseado em evidencias que aparentemente não fariam sentido para a maioria das pessoas, mas

que carregam inúmeras informações investigativas e cheias de significados.

A investigação metodológica do objeto vai além do que o signo revela, o que seria relegado sem importância nesse ínterim faz a diferença sobre informações desprezíveis, ou aparentemente sem importância, o fato é o de que esses elementos são essências para as ciências humanas. A crítica cultural permite que se utilize o método indiciário nas análises, pois valoriza aquilo tudo considerado menor e ou ignorado, buscando entender sentidos nas pequenas coisas. Para Ginzburg (1990, p. 177): “o paradigma indiciário mostra-se ineliminável. Trata-se de formas de saber tendencialmente mudas – no sentido que, [...], suas regras não se prestam a ser formalizadas por ninguém.” De acordo com o autor, o método indiciário caracteriza-se pela maneira indireta que induz ao método, assim, reconhece a circunstância e projetando o apagamento do que se considera circunstâncias particulares de algo relativo à influência sensorial do pesquisador. Seu procedimento é peculiar por se apresentar e por ter uma identidade própria que fortalece possíveis resultados e significâncias. É imprescindível para o método ter elementos que fortaleçam os saberes em todos os sentidos, e que nesta investigação descubra os objetos ligados pela simetria do pensamento pungente emocional de quem observa. São pistas deixadas para o entendimento dessa contextualização complexa e desigual.

Quando trazemos a crítica cultural para o desempenho dos corpos, Preciado (2014) diz que o corpo sustenta o corpo como objeto, ele constrói esse corpo como via para fluir, no sentido performático e nesse contexto só há uma saída que permite decorrer o trânsito. Nesse sentido, o gênero não é performativo, há o foco da imagem onde ele é fabricado acima da linguística na produção de corpos sexuais. A todo o momento se destitui o lugar apenas como um espaço para viver, por isso o modo não fica sempre no mesmo cam-

po no processo de construção dele sobre a linguagem de um determinado sentido, nesse retrato do discurso há uma reprodução de um estado que não parece.

Nesse sentido, Preciado ratifica que:

há questionamentos sobre os espaços errôneos "a contrassexualidade que tem como tarefa identificar os espaços errôneos e as falhas da estrutura social-discursiva, considerando a importância dos lugares ocupados pelos corpos dos "intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, históricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes, reforçando o poder dos desvios e derivações em relação ao sistema heterocentrado". (2014, p. 27)

De acordo com o autor, tanto o sexo quanto o gênero e sexualidade seriam resultados de dispositivos inscritos em um sistema tecnológico e sociopolítico complexo: "homem", "mulher", "homossexual", "heterossexual", "transexual" não passam de máquinas, produtos, instrumentos, redes, conexões, fluxos de energia e de informação, usos e desvios que incidem sobre o corpo. Nesse caso, os avanços tecnológicos e sociais foram imprescindíveis para entender os esboços deste trabalho, tanto pelo modo de agir quanto a compreensão das diferenças biológicas sexuais, tidas como construções sociais oriundas dos moldes impostos através da heterossexualidade bem como o binarismo de uma cultura homofóbica, racista e preconceituosa defensora de um discurso e práticas sociais baseados no patriarcalismo que comanda a grande mídia impressa sob a mão de ferro de famílias tradicionais.

O método cultural, na sua posição vanguardista, fortalecer e auxilia os modos da descoberta da sexualidade e o

sentido que isso significa para cara membro LGBTQI+ no sentido de que surjam com elementos formadores para a defesa e demanda de direitos, isso ressignifica suas posições. É importante ressaltar que as críticas ao estruturalismo acontecem como uma forma de cercear, inibir os direitos de expressar-se, limitando os LGBTQI+ de todas as formas possíveis, portanto, este estudo ressalta a importância do modo da linguagem (verbal e impressa) se faz presente para novas perspectivas baseados no signo.

Considerações finais

Sempre que os modos de vida sofrerem imposições de cerceamento no que tange a sua liberdade de expressão, os estudos culturais visam maior participação no sentido de tornar clara essa linguagem, e no caso dos LGBTQI+ garantir sua segurança pela experiência cultural adquirida, com isso, impor na sociedade seus reveses ao tempo que corrigem erros praticados pela sociedade que ofende os que pensam diferentes deles. A proposta deste trabalho relacionado a maneira como os jornais publicam as violências contra os LGBTQI+ se fez presente no sentido de dar aos envolvidos novas formas de interagir com os meios para que eles reconhecessem esses indivíduos não só por eles pensarem diferentes dos modelos sociais, mas para inseri-los na sociedade, protegendo-os, noticiando os fatos de acordo com sua realidade, trabalhando como uma imprensa correta, voltada para o bem e a publicação da verdade ao seu público que não pode ser mais ignorado. As pessoas que aparecem nesses jornais sensacionalistas são acima de tudo dignas de sentimentos, são corpos com signos e experiências de vida. O sujeito não perde a capacidade de transformar aquilo que lhe é usual, pelo contrário, o sofrimento transforma-se em linguagem, tal fato pode ser vivenciado na obra: "A microfísica do poder" (FOUCAULT, 1979) pode ser utilizada nesse contexto, analogamente, quando o autor fala discute o sujeito com o auxílio

de profissionais, no caso da discriminação da imprensa imparcial, esta deveria honrar os ditames que a profissão exige, ser, ou seja, uma imprensa séria que retrata a verdade, não fatos distorcidos, a verdadeira mídia retrata os fatos verdadeiros e de forma clara, visto que, nesse espaço, o oprimido terá voz contra os preconceitos, onde sua dor será usada como armas para fortalecer a si e ao coletivo.

É notório o papel da linguagem e sua importância, porém é preciso ter cautela para não transformar o discurso em uma armadilha de gênero; como aluno do mestrado em Pós-Crítica e na posição de pesquisador imagino que este estudo servirá de referência para edificar novos caminhos às pessoas que não respeitam seus próximos como irmãos e principalmente por colidirem com suas orientações sexuais, seu modo de agir, sua maneira de se fazer presente não valorizando o espírito do indivíduo socialmente.

Após analisar os discursos comparando-os com os estudos já produzidos e por abordagens identitárias, de gênero e sexualidades associados as novas plataformas digitais até o momento, concluo que este trabalho, apresenta avanços sociais aos LGBTQI+; o pensamento de Foucault (1998) indica o caminho de que ser diferente da maioria, não é algo ofensivo, algo que agrida o que pensa diferente e sim abrir possibilidades frente à sociedade sem ser agressivo, e sim esclarecer um modo de ver a vida com alegria de acordo com sua obra de vida, assim, as transformações sociais reportadas pela mídia séria que se importa com a verdade são demandas que envolvem os considerados abjetos, nesse caso, é preciso que parta dela, a imprensa novas formas inovar na forma, ou pelos menos, ser mais imparcial, como é a relação da imprensa e a história das comunicações. A verdade dos fatos transforma e diminui distancia graças aos dispositivos impressos e on-line quando usados de forma verdadeira.

A cultura transforma a maneira das pessoas interagirem, indicam comportamentos na sociedade, para isso, impres-

cindível a defesa de seus direitos e visibilidade, somando aos interesses sociais. A cultura das identidades LGBTQI+, vai além de sua complexidade múltipla do lugar, o modo, a maneira dessas pessoas coexistir, são alimentados por características pessoais, sexuais, com um pensamento abrangente a todos marcados pelo pensamento ocidental racista e preconceituoso. A grandiosidade do trabalho é positivar essas identidades a partir de estruturas sociais associadas as praticas culturais. A expectativa é que a cultura transforme o homem e a sociedade mais construtiva e menos centralizadora, tocando frentes que compreendam as identidades de gênero e de sexualidades no fórum local e global.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2005. 188p.

BENTO, Berenice. *Transviadas: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

BENJAMIN, Walter. Obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: N et al. *Teoria da Cultura de massa*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Corpo, Arte e Clínica!* Rio Grande do Sul, jun. 2012. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/?page_id=62>. Acesso em 25 abr. 2019

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, pp. 7 – 37.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: *O Século XX*. Zahar Editores: Rio de Janeiro - RJ. (s/d). DERRIDA,

Jacques. *Posições* / Jacques Derrida; tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Pp; 23 – 99

DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia – Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DRUMMOND, Washington. *Sacrifício das formas*: da estética ao sujeito. Revista *Ideação*, n. 31, Jan./Jun. 2015.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FELIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina. *A mortificação do corpo em é isto um homem?* De Primo Levi. *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, vol. 68, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 43-53

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GINZBURG, Carlo. *Sinais*: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-179

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* 5.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

[Recebido: 20 dez. 2018 — Aceito: 06 mar. 2019]